

RESPONSABILIDADE AMBIENTAL NA VISÃO DE ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE

ENVIRONMENTAL RESPONSIBILITY IN THE VIEW OF STUDENTS IN THE HEALTH FIELD

RESPONSABILIDAD AMBIENTAL EN LA VISIÓN DE ESTUDIANTES DEL ÁREA DE LA SALUD

Silviamar Camponogara^I
Sabrina Gonçalves Aguiar Soares^{II}
Cibelle Mello Viero^{III}
Graciele Erthal^{IV}
Paola da Silva Diaz^V
Roger Rodrigues Peres^{VI}
Gabriela Camponogara Rossato^{VII}

RESUMO: O estudo objetivou compreender o que pensam acadêmicos da área da saúde sobre sua responsabilidade com o meio ambiente. Pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada com 24 acadêmicos da área da saúde, de uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados em 2010, por meio de entrevista semiestruturada, e analisados com base no referencial de análise de conteúdo. Os acadêmicos revelam que a sua responsabilidade com o meio ambiente abrange as dimensões pessoal e profissional. Acreditam que deve haver convergência entre educação em saúde e educação ambiental, sendo importante servir como exemplo, desenvolvendo ações de preservação ambiental. Depreende-se ser de fundamental importância a inserção dessa temática no contexto da formação profissional, a fim de buscar-se uma postura de responsabilidade socioambiental por parte dos futuros profissionais da saúde.

Palavras-chave: Meio ambiente; saúde ambiental; enfermagem; ensino superior.

ABSTRACT: This study sought to understand what students in the health field think of their responsibility to the environment. A qualitative, descriptive study was conducted of 24 students in the health field at a higher education institution in Rio Grande do Sul. Data were collected in 2010 by semi-structured interview and were analyzed using content analysis as the frame of reference. The students revealed that their responsibility to the environment spans the personal and professional dimensions. They believe there should be convergence between health education and environmental education, and that it is important they serve as an example by engaging in environmental preservation actions. It follows inferred that it is of crucial importance to introduce this subject into professional training, in order to foster a posture of socio-environmental responsibility among future health professionals.

Keywords: Environment; environmental health; nursing; higher education.

RESUMEN: El estudio tuvo por objetivo comprender lo que piensan los estudiantes del área de la salud sobre su responsabilidad con el medio ambiente. Investigación descriptiva, de abordaje cualitativo, realizada con 24 estudiantes del área de la salud, de una institución de enseñanza superior de Rio Grande del Sur-Brasil. Los datos fueron recolectados en 2010, por medio de entrevista semiestructurada, y analizados con base en el referencial de análisis de contenido. Los estudiantes han demostrado que su responsabilidad con el medio ambiente abarca las dimensiones personal y profesional. Creen que debe haber una convergencia entre educación en salud y educación ambiental, siendo importante servir como un ejemplo, desarrollando acciones de preservación ambiental. Se percibe de fundamental importancia la inserción de esa temática en el contexto de la formación profesional, con el fin de buscarse una postura de responsabilidad socioambiental por parte de los futuros profesionales de la salud.

Palabras clave: Medio ambiente; salud ambiental; enfermería; enseñanza superior.

^IEnfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente. Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Enfermagem. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: silviaufsm@yahoo.com.br.

^{II}Enfermeira. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: sgssm1@hotmail.com.

^{III}Enfermeira. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: cibellemelloviero@gmail.com.

^{IV}Enfermeira. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: gracieleerthal@gmail.com.

^VEnfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Enfermagem. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: paolinha_diaz@hotmail.com.

^{VI}Acadêmico do 8º semestre de Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Curso de Enfermagem. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: roger_rpp@yahoo.com.br.

^{VII}Acadêmica do 4º semestre de Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Curso de Enfermagem. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: gabriela_rossato@yahoo.com.br.

^{VIII}Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul pelo financiamento da pesquisa.

INTRODUÇÃO

Atualmente, há uma crise ecológica, cujas proporções ainda não são totalmente conhecidas, mas que tem exigido, da sociedade, em diferentes esferas, a adoção de medidas protetoras do meio ambiente^{VIII}. Nesta vertente, aprender a usar recursos finitos de maneira eficiente, reduzir padrões de consumo e desperdício, identificar os possíveis efeitos de poluentes e outras ameaças com vistas ao alcance da manutenção de ambientes e habitantes saudáveis compõem um plano prudente em relação à assistência à saúde e para o planeta no seu sentido mais amplo.

Embora diferentes setores da sociedade tenham relação com a problemática ecológica, o que se percebe é que algumas áreas do conhecimento e campos de atuação ainda têm uma aproximação muito tímida com a questão. Um dos campos que pode ser considerado exemplar, nesse sentido, é o da saúde, na medida em que, em poucos espaços, são visíveis discussões acerca da interface saúde e meio ambiente¹. Essa constatação se torna ainda mais importante quando se sabe que problemas ambientais são, simultaneamente, problemas de saúde².

Dessa forma, depreende-se que a inclusão de discussões sobre essa temática no âmbito da formação e do trabalho em saúde é fundamental. Contudo, para além de um debate conceitual, o que se defende é uma discussão aprofundada, que remeta os sujeitos a uma reflexão ética sobre o tema, na expectativa de buscar-se a necessária responsabilização com a causa ambiental, nos cenários do ensino e do trabalho, no campo da enfermagem e saúde. O acordar ambiental para a responsabilidade remete ao entrelaçamento de paradigmas educacionais dentro do pensamento filosófico e crítico, abordando valores, conceitos, crenças e saberes para o desenvolvimento humano, social e ambiental³.

Sendo assim, tratar a questão ambiental assume relevância fundamental na atualidade, principalmente para os trabalhadores de saúde, pois o viver saudável depende intrinsecamente da qualidade de vida humana e ambiental⁴.

Destarte, tornam-se pertinentes reflexões que possam auxiliar a construir novos significados para a formação e o trabalho em saúde. Acredita-se que a inserção da discussão sobre a problemática ambiental, no contexto da formação profissional, possibilita novos olhares, visando minimizar a crise ambiental e ampliar o entendimento do processo de ser saudável como resultante, também, da interação do ser humano com o meio ambiente. É necessário que, desde a formação profissional, o estudante entre em contato com a reflexão e a discussão sobre a problemática ambiental, o que se constitui em condição fundamental para redimensionar e problematizar o processo saúde/doença⁴.

Com base nisso, o que se defende é que há necessidade urgente de se ampliar o debate sobre a interface saúde e meio ambiente, visto ser uma demanda contemporânea, que exige do setor saúde o estabelecimento de bases teóricas e práticas compatíveis com pressupostos éticos relacionados à responsabilidade com a preservação do planeta para essa e para as futuras gerações. Dessa forma, evidenciar o posicionamento de futuros profissionais da saúde sobre esse tema pode contribuir para a construção de reflexões, que possibilitem novos olhares, sobre a importância da inclusão da discussão sobre a atual problemática ecológica na formação profissional em saúde, com vistas à busca de uma postura de responsabilidade socioambiental.

Para tanto, o presente estudo tem como questão de pesquisa: o que pensam os acadêmicos da saúde sobre a sua responsabilidade em relação à atual problemática ecológica? A pesquisa foi norteada pelo seguinte objetivo: compreender o que pensam acadêmicos da área da saúde sobre sua responsabilidade com o meio ambiente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Entre os efeitos já estimados no campo da saúde humana, decorrentes das alterações ambientais, destacam-se a propagação de doenças infecciosas, em especial aquelas de transmissão vetorial, aquelas com reservatórios animais em sua cadeia de transmissão e as de transmissão hídrica ou alimentar; os danos à saúde decorrentes dos desastres de origem natural ou antropogênicos; doenças crônicas não infecciosas relacionadas às modificações ambientais e deficiências nutricionais. Estes efeitos são pouco perceptíveis em análises de curto prazo, exceto em situações de exposição aguda, como no caso de desastres, mas apresentam um grande potencial de intensificação⁵.

Nesse sentido, a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS)⁶ construiu, em 2008, juntamente com representantes dos países membros, o Plano Regional de Ação para Proteger a Saúde frente às Mudanças Climáticas. O plano tem como objetivo assegurar que as preocupações sobre o tema de saúde pública sejam o eixo central da resposta às mudanças climáticas, garantindo a capacitação e o fortalecimento do sistema de saúde em nível local, nacional, regional e global para aumentar a sua capacidade de proteger a saúde humana dos riscos e minimizar os impactos na saúde relativos às mudanças climáticas; além de fortalecer as ações para evitar repercussões negativas sobre a saúde. Esse plano regional indica cinco diretrizes a serem seguidas, relativas ao incremento na produção de conhecimentos sobre o tema; sensibilização da população (incluindo profissionais da saúde) sobre os efeitos da mudança climática sobre a saúde, desenvolvimento de recursos humanos, finan-

ceiros e políticas; promoção de alianças interdisciplinares, intersetoriais e interinstitucionais; e fortalecimento da capacidade dos sistemas de saúde de planejar, implementar, monitorar e avaliar intervenções de adaptação com o intuito de aprimorar a capacidade de resposta aos riscos da mudança climática.

Em decorrência disso, o Brasil lançou o Plano Nacional sobre Mudança do Clima (PNMC), em dezembro de 2008, com uma abordagem específica e integrada sobre as ações do setor saúde, destacando a importância da atuação efetiva de todos os setores envolvidos para a proteção da saúde frente às mudanças climáticas. Tem como objetivo identificar, planejar e coordenar as ações e medidas que possam ser empreendidas para mitigar as emissões de gases de efeito estufa geradas no país, bem como aquelas necessárias à adaptação da sociedade aos impactos que ocorram devido à mudança do clima⁶.

Essa nova demanda impõe, ao sistema educacional e de saúde, a abordagem dessa temática, como condição de preparar os profissionais para atuarem, responsavelmente, frente aos efeitos da atual problemática ambiental. Contudo, apesar da importância da questão ambiental, ainda há um distanciamento entre o sistema formativo e a abordagem dessa temática, dado que não há uma relevante produção de estudos que associem estratégias de promoção de saúde na relação entre homem-ambiente⁷.

Além disso, não é suficiente conscientizar os alunos sobre os problemas ambientais e suas consequências para os seres vivos, se faz necessário que se estabeleçam ações concretas para a compreensão e a tomada de decisão, para o seu enfrentamento, refletindo-se em ações efetivas na comunidade e sendo instrumento de construção da cidadania⁸.

No contexto da produção de saúde e qualidade de vida individual e coletiva, entende-se a visão socioambiental como uma alternativa a ser aproveitada para a identificação de melhores caminhos na direção da sustentabilidade da vida, a partir de uma reflexão crítica sobre o que fazemos no cotidiano e da relação que mantemos com a natureza. Nessa perspectiva, compreende-se que uma prática pedagógica socioambiental pode produzir uma maior capacidade crítico-reflexiva por parte dos educandos, já que eles se apropriariam de novos conhecimentos para a atuação como profissionais da saúde, no trabalho com o indivíduo e com a coletividade, em relação intrínseca com a promoção da saúde⁷.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, visto ser o mais adequado para investigações que abordem questões relativas a fenômenos subjetivos. A investigação classifica-se como descritiva, tendo sido realizada com 24 acadêmicos da área da saúde de uma instituição pública de ensino superior do sul do Brasil.

Os dados foram coletados durante os meses de agosto a setembro de 2010, buscando-se manter certa proporcionalidade entre os sujeitos. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas com quatro acadêmicos do curso de enfermagem, cinco de medicina, cinco de fisioterapia, quatro de fonoaudiologia, três de farmácia e três de odontologia, escolhidos por sorteio. Constituíram-se em critérios de inclusão: ser acadêmico de um dos cursos da área da saúde da instituição pesquisada, estar cursando o último ano do respectivo curso e aceitar participar do estudo. O encerramento da coleta de dados obedeceu ao critério de saturação de dados.

A obtenção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, com questões norteadoras acerca da temática investigada, especialmente no que tange à percepção dos sujeitos sobre a atual problemática ambiental e responsabilidade frente ao tema. As entrevistas foram realizadas por entrevistadores previamente treinados, em local reservado, sendo gravadas e, posteriormente, transcritas pelos próprios entrevistadores. Os sujeitos foram identificados de acordo com as duas letras iniciais do nome do curso de graduação que cursavam e o número correspondente à ordem da entrevista realizada.

Os dados foram analisados de acordo com o referencial proposto para análise de conteúdo⁹, obedecendo às seguintes etapas: reunião do *corpus* de análise, realização de leitura flutuante dos achados, realização de leitura aprofundada a fim de constituir categorias analíticas, e análise interpretativa das categorias. Posteriormente, ocorreu a discussão dos resultados com a literatura pertinente. Dessa forma, emergiram três categorias de análise, quais sejam: a interface entre cidadão e profissional diante da responsabilidade com o meio ambiente; a convergência entre educação em saúde e educação ambiental; a importância de ser exemplo no desenvolvimento de ações de preservação ambiental.

O estudo obedeceu aos preceitos indicados para pesquisa com seres humanos, somente havendo coleta de dados após aprovação institucional e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE nº 0014.0.243.000-10).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados oriundos do processo de coleta e análise revelam, em geral, que os sujeitos têm noção de que a humanidade tem sido fortemente afetada por problemas ambientais. Entretanto, as informações sobre o tema são obtidas por meio da divulgação midiática, tendo em vista que, esses temas são pouco discutidos no processo de formação profissional na área da saúde. Mesmo assim, há entre os acadêmicos uma ideia de estreita interface entre problemas ambientais e de saúde.

de, sendo que consideram as populações mais pobres como as mais afetadas. Apesar da visível lacuna quanto a esse debate no processo formativo, os sujeitos foram estimulados, no transcorrer da entrevista, a refletir sobre o que pensam a respeito de sua responsabilidade em relação à problemática ambiental, o que resultou nas categorias elencadas a seguir.

1ª Categoria

As manifestações evidenciaram que, para os acadêmicos, é muito presente a ideia de *uma interface entre cidadão e profissional diante da responsabilidade com o meio ambiente*. Como pode ser observado no seguinte depoimento:

Eu acho que a responsabilidade ambiental, independente de qual área, de qual profissão que tu exerce, a tua responsabilidade é enorme, porque todos são responsáveis pelo meio em que vivem. [...] Então todo mundo, independente da profissão, é responsável pela preservação do meio. (Me 5)

Não só como profissional, mas como pessoa também, essa coisa de ter a sua responsabilidade, essa coisa de por o lixo no lugar certo, de preservar a natureza, ter uma mente voltada para isso assim. (Fa 1)

Conforme observado, para os acadêmicos, antes de atuarem somente como profissionais, necessitam incorporar essa responsabilidade como cidadãos, a qual independe da atividade profissional específica. Porém, o exercício de cidadania ativa, individual ou coletiva está alicerçado à qualidade e à quantidade de conhecimento disponível, o que tem relação direta com a participação ativa dos sujeitos, com sua autonomia e poder de decisão em suas práticas sociais, as quais envolvem não só conhecimento, mas também reflexão¹⁰.

Além disso, quando são oportunizadas estratégias de obtenção de conhecimento sobre a problemática ambiental ou redução de impactos ambientais, os sujeitos têm maiores subsídios para reflexão sobre seus próprios comportamentos, motivando-os para a construção de ações responsáveis com o meio ambiente¹¹.

Dessa forma, o objetivo principal da responsabilidade civil consiste em proteger as presentes e futuras gerações das ações nocivas e da potencialização delas no tempo e no espaço. Acredita-se que a responsabilidade, como cidadão, para com o meio ambiente, pode proteger a coletividade dos riscos advindos da crise ecológica¹².

Com base no exposto, pode-se dizer que é cada vez mais urgente que organizações governamentais e não governamentais, pesquisadores, profissionais da saúde, outros profissionais e a população em geral revejam as suas relações com o mundo natural e com o mundo social. Isso implica repensar as bases de sustentação do planeta Terra, desde as práticas mais elementares e aparentemente ingênuas, como de jogar papel no chão, de poluir águas, passando pelas práti-

cas de consumo e indo até a elaboração e execução de políticas públicas e ambientais, pautadas no processo de viver saudável¹³.

2ª Categoria

Outra questão apontada pelos acadêmicos faz referência à *educação em saúde e educação ambiental: uma convergência necessária*.

Acredito não só como acadêmico, assim, profissional e tal, [...] eu acho que eu deveria estar bem informada sobre isso, para poder passar para mais pessoas isso, talvez para os meus pacientes [...] porque, muitas vezes, por eles terem vivências diferentes ou até costumes diferentes, eles não percebiam isso, ou não percebiam a importância de cuidar, a importância de preservar, e nem o papel que eles tem nisso tudo assim, e o papel que também a preservação disso, a preservação de um bom ambiente traz para saúde. Então eu acho que eu tenho que me informar mais, eu acho que tenho que ser mais ativa nesse sentido, [...] de preservação. (Fi 2)

Percebe-se que os acadêmicos acreditam que têm parcela de responsabilidade no que se refere à preservação ambiental e apontam a educação em saúde, ou o fato de atuarem desenvolvendo ações de orientação, como estratégias para incorporar a educação ambiental. A construção de uma prática educativa nomeada como educação ambiental (EA) e a identidade profissional a ela associada são desdobramentos que ganham sentido como parte da estruturação do campo ambiental e dos contextos políticos e culturais que este articula¹⁴.

Além do que, compreender como as pessoas/usuários entendem e atuam no meio é indispensável, pois isso reflete o modo como percebem a sua saúde e a da sociedade, se conhecem e/ou reconhecem riscos e agravos do ambiente onde vivem e quais são suas noções de autocuidado e impacto socioambiental¹⁵. Somente assim podem tomar atitudes que, efetivamente, melhorem sua qualidade de vida. A educação em saúde aliada à educação ambiental constitui-se em poderoso instrumento no sentido de oportunizar conhecimento, estimular a reflexão e o empoderamento de indivíduos e comunidades, em prol de comportamentos ambientalmente sustentáveis.

3ª Categoria

Outra questão abordada pelos respondentes, no que tange à sua visão sobre a responsabilidade com o meio ambiente, relaciona-se a *ser exemplo no desenvolvimento de ações de preservação ambiental*.

Eu acho que a gente tem que fazer mesmo para poder cobrar, entre aspas, que alguém faça. Então, nós como profissionais, temos que dar exemplo para os nossos pacientes ou até mesmo nossos colegas de trabalho. [...] Não tem como a gente querer que as

outras pessoas colaborem, se a gente mesmo não sabe dar o exemplo. Então a gente precisa saber dar o exemplo para que seja eficaz e efetivo. (En 2)

Como o médico, ele é uma pessoa que tende a estimular hábitos saudáveis, estimular o paciente a procurar o melhor para a sua qualidade de vida; ele é uma pessoa que traz consigo exemplos da vida dele. [...] Então o médico, também procurando a preservação do meio ambiente e demais responsabilidades sociais, de mostrar para as outras pessoas, outros cidadãos, pacientes, que ele tem que cuidar e preservar o meio ambiente, e isso se mostra por meio de ações e não por palavras. (Me 4)

Pode-se perceber que os acadêmicos têm uma visão muito clara sobre o impacto que o seu comportamento pode ter na vida das outras pessoas. Dessa forma, ao pensarem sobre sua responsabilidade no que tange ao tema ambiental, logo pensam que está relacionada ao desenvolvimento de ações que serão percebidas pelas outras pessoas, como exemplos de bom comportamento.

Contudo, estar disposto a mudar de atitude e de fato começar a interagir, de maneira diferente, com o meio ambiente são coisas distintas, pois uma permanece no abstrato e a outra passa para a concretude. Sabe-se que toda a mudança gera resistência, e os programas de educação ambiental precisam ser contínuos, pois alterar o comportamento é um processo gradual, lento e longo¹⁵.

Entretanto, alguns depoentes apresentam dificuldade em expressar, concretamente, alguma ideia sobre a sua responsabilidade com relação ao meio ambiente, obviamente afetados pelo fato de não efetuarem um processo reflexivo sobre o assunto. Nesse sentido, ao longo do estudo, algumas manifestações de acadêmicos foram significativas ao revelarem que ainda não haviam parado para pensar no assunto, sobre a interface entre a sua profissão e a questão ambiental. Esse fato, obviamente, tem relação com a visão ainda predominante no processo formativo na área da saúde, modelada de acordo com a orientação biomédica e hospitalocêntrica, centrada na abordagem mecanicista, no olhar linear sobre o processo saúde-doença e na medicalização, como revelam outros dados do estudo.

Dessa forma, surgem manifestações relacionadas a *dificuldades em concretizar uma ideia sobre a responsabilidade ambiental*:

Quanto médico, especialmente a profissão de médico é difícil eu identificar alguma coisa apenas consultando os pacientes, mas a gente tenta, na verdade, mais contornar os problemas do que resolver os problemas [...] Tentar no sentido social, no sentido educacional nos pacientes. Tentar dar a melhor compreensão para eles. Tentar disponibilizar a medicação que eles não tenham disponibilidade de comprar. Enfim, modificar de fato o ambiente social é

complexo para o profissional que está fazendo um trabalho bastante específico. (Me 2)

Na verdade, eu não saberia dizer, como fonoaudióloga, o que eu poderia fazer em relação ao meio ambiente. (Fo 3)

É perceptível, nestes depoimentos, que os sujeitos não possuem um processo reflexivo sobre o tema ambiental, na medida em que se verificam respostas vagas ou com tom de dúvida. A expressão *todos têm que fazer a sua parte* ou *cada tem que fazer a sua parte*, também é verificada ao longo do estudo. No entanto, embora sejam expressões comumente verificadas em campanhas publicitárias, divulgadas por meio da mídia, que remetem a uma ideia de que o sujeito estaria imbuído sobre seu verdadeiro papel no que se refere ao assunto, deixam dúvidas sobre a real possibilidade de expressar uma concretude.

Um estudo realizado com trabalhadores hospitalares revelou que essa expressão, na verdade, revela uma banalização sobre o ideário de responsabilidade ambiental. Muitas pessoas se manifestam dessa forma, mencionando que cada um tem que fazer a sua parte, mas pouquíssimas conseguem concretizar com clareza e objetividade quais seriam essas ações¹.

Dessa forma, ser responsável pelas próprias atividades significa saber expor as razões pelas quais são desenvolvidas¹⁶. Contudo, a responsabilidade com o meio ambiente é um imperativo ético, necessário para que *haja uma humanidade*, havendo estreita vinculação entre moral e emoção. Assim, para que algo seja considerado um dever, deve afetar o indivíduo de modo a motivar sua vontade, o que só é possível com a participação da emoção, que está na essência da moral, resultando no sentimento de responsabilidade, vinculado a uma ética que tem um lado objetivo, ligado à razão, e um lado subjetivo, ligado ao sentimento, sendo ambos complementares¹⁷.

Sob a ótica da formação profissional, a responsabilidade profissional pode contribuir para que haja a interface saúde e meio ambiente dentro da sua disciplina, levando-se em consideração a atual problemática ambiental e a urgência de formação de uma consciência sensível à garantia da sobrevivência da humanidade¹⁸.

Assim, há o intento de que, com base na reflexão sobre a responsabilidade profissional, o processo educativo, numa lógica que inter-relacione saúde e meio ambiente, possa ampliar o pensamento, a capacidade de reflexão, a capacidade de conhecer o mundo, de tomar decisões, fazer escolhas e transformar. Esse sentido de responsabilidade, que seja inerente à conduta do indivíduo como cidadão, produzindo uma reflexão interior, e que permeie a prática docente, oportunizando o ampliar desse processo para a formação profissional, é o pretendido e desejado, rumo à necessária transformação social e construção da sustentabilidade ambiental.

Logo, as necessidades da população mostram uma sensível mudança, tendo em vista que os terapeutas de saúde são solicitados a buscar preparo diferenciado, em um mercado cada vez mais complexo e competitivo. São necessidades que requerem, além da segurança tecnológica, conhecimento e habilidades para cuidar sob novos paradigmas que contemplem a totalidade do indivíduo e sua inserção e inseparabilidade com o meio ambiente¹⁹.

Nesse sentido, reitera-se a importância de buscar-se a responsabilidade ambiental, no processo formativo na área da saúde, por meio de práticas pedagógicas capazes de aliar conhecimento e reflexão, a partir da valorização da inter-relação entre educação em saúde e educação ambiental.

CONCLUSÃO

Ao repensar o debate sobre a interface saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde, é essencial discutir acerca da responsabilidade ambiental, considerando-a um valor primordial para uma prática profissional ambientalmente correta.

Dessa forma, a responsabilidade ambiental, na medida em que gera mudança de postura, deve fazer parte não só da prática profissional, mas também do cotidiano das pessoas. Assim, o papel da educação é possibilitar, ao acadêmico, futuro profissional de saúde, o aprendizado de valores essenciais para a promoção da saúde e de melhor qualidade de vida às pessoas e para a preservação do planeta.

Constatou-se que há a necessidade de inserção dessa temática na academia, para que os discentes tenham a possibilidade de discutir o tema, no sentido de refletir sobre a sua responsabilidade com o meio ambiente como cidadãos e futuros profissionais da saúde.

REFERÊNCIAS

1. Camponogara S, Kirchhof ALC, Ramos FRS. Reflexivity, knowledge and ecological awareness: premises for responsible action in the hospital work environment. *Ver Latino-Am Enfermagem*. 2009; 17:1030-6.
2. Freitas CM. Problemas ambientais, saúde coletiva e ciências sociais. *Ciênc saúde coletiva*. 2003; 8:137-50.
3. Miranda DJP. Educação e percepção ambiental: o despertar consciente do saber ambiental para a ação do saber ambiental para a ação do homem na natureza. *Rev Eletrônica Mestr Educ Ambient*. 2007; 19:157-64.
4. Vargas LA, Oliveira TFV. Saúde, meio ambiente e risco ambiental: um desafio para a prática profissional do enfermeiro. *Rev enferm UERJ*. 2007; 15:451-5.
5. Ministério da Saúde (Br). Mudanças climáticas e ambientais e seus efeitos na saúde: cenários e incertezas para o Brasil (DF): Organização Pan-Americana da Saúde; 2008.
6. Brasil. Decreto nº 6.263, de 21 de novembro de 2007. Plano nacional sobre mudança do clima. Brasília (DF); Senado Federal; 2008.
7. Sena J, Cezar-Vaz MR, Bonow CA, Figueiredo PP, Costa VZ. Uma prática pedagógica através das racionalidades socioambientais: um ensaio teórico da formação do enfermeiro. *Texto contexto - enferm*. 2010; 19:570-7.
8. González-Gaudiano E, Lorenzetti L. Investigación en educación ambiental na América: mapeando tendencias. *Educ em Revista*. 2009; 25:191-211.
9. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa (Po): Edições 70; 2009.
10. Santos BS. Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2005.
11. Camponogara S, Ramos FRS, Kirchhof ALC. Reflexividade, conhecimento e consciência ecológica: premissas para uma ação responsável no contexto do trabalho hospitalar. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2009; 17:1030-6.
12. Henkes SL. A responsabilidade civil no direito ambiental brasileiro. *Rev Direito Sanit*. 2009; 10(1):51-70.
13. Backes MTS, Backes DS, Drago LC, Koerich MS, Erdmann AL. Do antropocentrismo ao ecocentrismo: formação para o cuidado ecológico na saúde. *Rev Gaúcha Enferm*. 2011; 32:263-9.
14. Carvalho ICM. O “ambiental” como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. In: Sauv   L, Orellana I, Sato M. Textos escolhidos em educação ambiental: de uma América à outra. Montreal (Can): Publications ERE-UQA; 2004.
15. Lermen HS, Fisher PD. Percepção ambiental como fator de saúde pública em área de vulnerabilidade social no Brasil. *Rev APS*. 2010; 13(1):62-71.
16. Guiddens A. As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp; 1991.
17. Jonas H. El principio de responsabilidad: ensayo de una ética para la civilización tecnológica. Barcelona(Es): Editorial Herder; 1995.
18. Viana PAMO, Oliveira JE. A inclusão do tema meio ambiente nos currículos escolares. *Rev Eletrônica Mestr Educ Ambient*. 2006; 16:1-17.
19. Koerich MS, Backes DS, Drago LC, Backes MTS, Erdmann AL. The meaning of ecological care for students and health teachers: a qualitative study. *Online Braz J Nurs* 2010 [citado em 05 fev 2012]; 9(1). Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/>.